

25 AGO 1991

Lição histórica

CORREIO BRAZILIENSE

Josaphat Marinh

O golpe de estado na União Soviética operou-se no estilo próprio da traição política: na ausência do chefe de governo da capital do país. E revestiu-se da violência comum aos movimentos destituídos de idéias renovadoras: com tropas armadas nas ruas contra o povo. Não era uma revolução em busca de nova ordem social, econômica e jurídica. Não visava a mudar para instituir regime de melhor trato e de maior justiça a toda a sociedade. Caracterizou-se, ao contrário, pela reação a mudanças em curso e tentadas no intuito de transformação de um estado autoritário num sistema socialista democrático.

Como em todo golpe reacionário, não atentaram seus promotores nas modificações profundas já em desdobramento no espírito do povo russo. Habitados à ditadura do comunismo dogmático, pretenderam ignorar as consequências de **perestroika**, o impulso de libertação dela nascente. Imaginaram que, substituindo Gorbachev, baniam ou sepultavam suas idéias e iniciativas. Esqueceram que ele havia escrito, e procurava demonstrar, que "a essência da **perestroika** está no fato de que une o socialismo com a democracia", ou seja, alia o anseio de igualdade e bem-estar à aspiração de liberdade. Desprezaram que o cidadão e a consciência coletiva haviam absorvido essa mensagem geradora de esperanças, apesar das dificuldades presentes. Quiseram explorar a crise social e econômica para ocultar o objetivo tortuoso de restauração do poder arbi-

trário. Enganaram-se, por inteiro.

Tendo sofrido, por mais de meio século, as distorções de uma grande revolução social e política, o povo revelou-se disposto e apto a rever seus caminhos. Divergindo do líder inovador quanto a providências administrativas, diante da crítica situação de vida, compreendeu o alcance de seu plano de reformas. Se a angústia geral não assegurava popularidade ao governante, a clareza e a perseverança nos ideais de transformação despertaram crença no seu procedimento e na sua visão do futuro. Sobre tudo as mudanças já efetuadas no domínio político, em favor das liberdades e da democratização, reanimaram o sentimento de cidadania do homem médio e criaram confiança entre os moços. Daí a edificante resistência ao golpe. Nas ruas e praças, misturavam-se homens e mulheres, sobrelevando a audácia dos mais jovens, que se arriscavam até a impedir a marcha dos tanques de guerra. Fracassado o movimento de volta ao obscurantismo, a massa entusiasmada e comovida saudou o retorno do líder, que por sua vez resistiu à coação para renunciar.

Sem os vícios do personalismo, porém com espírito de justiça política e de defesa da ordem em evolução para a democracia, cidadãos unidos repeliaram o retrocesso, e venceram. A demonstração de clarividência e coragem é prova de que o povo aspira a viver a ordem na liberdade, e não na opressão. O fato indica, principalmente, que a população, já esclarecida, se experimenta necessidades materiais, não abdica de ser livre. Sim-

ples e insegura promessa de melhoria econômica e social não a confunde. A história ensinou a toda gente que não há dignidade sob a servidão.

Tanto mais relevo tem o acontecimento porque o povo foi superiormente orientado, durante os momentos incertos e culminantes da crise. As figuras principais à frente da resistência cuidaram da defesa do regime ou do processo de correção dele, já iniciado. Apesar de divergências notórias com Gorbachev, nenhuma revelou intenção de usurpar-lhe o poder, aproveitando sua ausência. Houve sintonia entre políticos e povo, nos objetivos impessoais de combate ao restabelecimento do autoritarismo. Prevaleceu a tendência de continuar a modernização e humanização do regime, assegurado o contato da União Soviética com o conjunto dos povos civilizados.

Decerto subsistem dificuldades graves, institucionais e econômicas, para o desenvolvimento pleno do sistema político russo. A inteligência há de conduzir a soluções adequadas, notadamente se os países de vida política e econômica estável souberem ser solidários, como, aliás, lhes convém. Os sucessos deste momento, de qualquer modo, têm sentido altamente educativo. Confirmam que o amor do povo à liberdade pode abater a tirania. Renovam a certeza de que o povo esclarecido quer líderes, como orientadores, e não tutores, que escravizam. Valem como advertência a outros forjadores de golpes. Enfim: constituem uma lição histórica.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia